

CORPO E RESISTÊNCIA EM A VEGETARIANA, DE HAN KANG: A RECUSA COMO POLÍTICA E AUTONOMIA FEMININA

BODY AND RESISTANCE IN THE VEGETARIAN, BY HAN KANG: REFUSAL AS POLITICS AND FEMALE AUTONOMY

CUERPO Y RESISTENCIA EN LA VEGETARIANA, DE HAN KANG: LA NEGATIVA COMO POLÍTICA Y AUTONOMÍA FEMENINA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n9-070>

Data de submissão: 09/08/2025

Data de publicação: 09/09/2025

Ariana Lana Moraes Carvalho

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Instituição: Universidade de Brasília (UnB)

E-mail: arianalana0204@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9706-3440>

Anne Cristine Fernandes Colombo

Graduanda em Psicologia pelo Instituto de Psicologia

Instituição: Universidade de Brasília (UnB)

E-mail: annecrifernandescolombo@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-8391-7210>

Carla Sabrina Antloga

Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-

Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Instituição: Universidade de Brasília (UnB).

E-mail: antlogacarla@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4105-6708>

RESUMO

Este artigo analisa o romance *A Vegetariana*, da autora sul-coreana Han Kang, a partir da crítica literária feminista. Explora o gesto de recusa da protagonista como forma de resistência política silenciosa diante da normatividade de gênero. Ao abandonar o consumo de carne e rejeitar a sexualidade, maternidade e performatividade esperada, Yeonghye encarna uma dissidência corporal em uma cultura patriarcal. Baseado em autoras como Butler, Federici, Cavarero e Foucault, o artigo discute como a protagonista subverte os códigos que regulam o corpo feminino. A literatura, nesse sentido, é entendida como espaço de resistência simbólica. A recusa, aqui, não é ausência, mas linguagem alternativa. Conclui-se que Yeonghye transforma seu corpo em território de resistência ao se retirar da utilidade social e dos papéis normativos.

Palavras-chave: Han Kang. Crítica Literária Feminista. Corpo. Patriarcado. Resistência.

ABSTRACT

This article analyzes the novel *The Vegetarian*, by South Korean author Han Kang, through the lens of feminist literary criticism. It explores the protagonist's act of refusal as a silent political resistance to gender normativity. By rejecting meat consumption, sexuality, motherhood, and expected

performativity, Yeonghye embodies bodily dissidence within a patriarchal culture. Drawing on theorists such as Butler, Federici, Cavarero, and Foucault, the article discusses how the protagonist subverts the codes that regulate the female body. Literature, in this sense, becomes a symbolic space of resistance. Refusal is not absence, but an alternative form of language. It concludes that Yeonghye turns her body into a site of resistance by withdrawing from social utility and normative roles.

Keywords: Han Kang. Feminist Literary Criticism. Body. Patriarchy. Resistance.

RESUMEN

Este artículo analiza la novela *La Vegetariana*, de la autora surcoreana Han Kang, desde la crítica literaria feminista. Explora el gesto de negativa de la protagonista como forma de resistencia política silenciosa frente a la normatividad de género. Al abandonar el consumo de carne y rechazar la sexualidad, maternidad y performatividad esperada, Yeonghye encarna una disidencia corporal en una cultura patriarcal. Basado en autoras como Butler, Federici, Cavarero y Foucault, el artículo discute cómo la protagonista subvierte los códigos que regulan el cuerpo femenino. La literatura, en este sentido, se entiende como espacio de resistencia simbólica. La negativa, aquí, no es ausencia, sino lenguaje alternativo. Se concluye que Yeonghye transforma su cuerpo en territorio de resistencia al retirarse de la utilidad social y de los papeles normativos.

Palabras clave: Han Kang. Crítica Literaria Feminista. Cuerpo. Patriarcado. Resistencia.

1 INTRODUÇÃO

Han Kang é uma das principais vozes da literatura sul-coreana contemporânea. Nascida em Gwangju, em 1970, e criada em Seul, formou-se em Literatura pela Universidade Yonsei. Seu trabalho se destaca pela sensibilidade poética e pela capacidade de articular experiências de dor, violência e subjetividade em narrativas marcadas por silêncios e gestos mínimos, mas profundamente simbólicos. Ao explorar o corpo como território de conflito, Han tematiza a opressão sistêmica, os traumas históricos e os limites da linguagem como instrumento de controle. Sua escrita se inscreve em um projeto literário existencial e político, que rompe com os padrões realistas e se aproxima de uma estética do desconforto. Ganhadora do Man Booker International Prize em 2016 pela obra *A Vegetariana*, traduzida para o inglês por Deborah Smith, Han tornou-se a primeira escritora sul-coreana a receber tal reconhecimento internacional e recebeu um Nobel de Literatura em 2024 (AFP, 2024). Desde então, tem sido lida e debatida em diversos países, com obras como *Atos Humanos* (2021) e *Branca de Neve e o Leitor dos Ossos* (2013), que ampliam sua investigação sobre o corpo, o trauma coletivo e as resistências silenciosas.

Este artigo analisa o romance *A Vegetariana*, publicado originalmente em 2007, sob a perspectiva da crítica literária feminista. A obra acompanha a trajetória de Yeonghye, uma mulher aparentemente comum que, após um sonho perturbador, decide parar de comer carne. Esse gesto, embora simples em aparência, desencadeia uma série de rupturas com sua família, seu casamento e com os códigos sociais que regulam o comportamento feminino na sociedade sul-coreana. A decisão de Yeonghye inaugura um processo de recusa que transcende o campo alimentar, estendendo-se à recusa da sexualidade, da maternidade e, progressivamente, da própria linguagem. Sua trajetória é marcada por uma silenciosa dissidência corporal, que desafia as normas de docilidade, funcionalidade e desejo impostas aos corpos femininos. A protagonista, ao subtrair-se das expectativas sociais, realiza um gesto radical de autonomia: ela retira seu corpo da lógica da utilidade, do consumo e da performatividade normativa.

A problemática que se impõe, portanto, diz respeito às formas de resistência que se expressam não pela via da confrontação explícita, mas pela via da recusa, do silêncio e da não aderência. Em uma sociedade que vigia, interpreta e disciplina o corpo feminino, como ler gestos de recusa como formas legítimas de resistência? Que sentidos políticos emergem quando o corpo deixa de obedecer, de se comunicar e de se submeter?

O objetivo deste trabalho é analisar o gesto de recusa de Yeonghye como uma forma de resistência política silenciosa, à luz de aportes teóricos da filosofia contemporânea e do pensamento feminista. Pretende-se discutir como o romance de Han Kang inscreve o corpo feminino como

território de conflito entre dominação e emancipação, desestabilizando noções convencionais de agência, loucura e liberdade. A análise propõe ainda refletir sobre a literatura como espaço simbólico de insurgência, onde a recusa se configura não como ausência, mas como reinvenção possível da existência.

2 METODOLOGIA

Este artigo adota uma abordagem qualitativa (Medeiros, 2012), centrada na pesquisa teórica e bibliográfica, com ênfase na análise crítica de obras literárias por meio do diálogo com referenciais filosóficos e feministas. A proposta metodológica baseia-se em uma leitura hermenêutica e interdisciplinar da obra *A Vegetariana*, da autora sul-coreana Han Kang, com o objetivo de identificar e interpretar os sentidos políticos da recusa corporal da protagonista, articulando tais sentidos com conceitos contemporâneos de gênero, subjetividade, corpo e resistência.

Como corpus, utilizou-se a tradução brasileira do romance publicada pela editora todavia em 2018, traduzida diretamente do coreano por Jae Hyun Kim. A escolha por essa obra se justifica pela densidade simbólica e estética com que questões relacionadas ao corpo feminino, ao silêncio e à dissidência subjetiva são tratadas. O texto literário foi interpretado como campo de significações múltiplas, a partir do cruzamento com os aportes teóricos de autoras e autores como Judith Butler, Silvia Federici, Michel Foucault, Adriana Cavarero, Elaine Scarry e Rosi Braidotti. A análise priorizou os aspectos narrativos, simbólicos e discursivos da obra, considerando como a construção estética do romance contribui para a crítica às normatividades de gênero (Maia, 2019) e aos dispositivos de poder que controlam os corpos das mulheres.

Por tratar-se de uma pesquisa teórica, sem realização de coleta de dados empíricos ou envolvimento com sujeitos humanos, não se aplicam exigências de comitês de ética. No entanto, os princípios da ética na pesquisa foram observados na condução da análise e na responsabilidade com os temas sensíveis abordados, como sofrimento psíquico, medicalização da diferença e violência de gênero.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA SOBRE CORPO, RESISTÊNCIA E GÊNERO

A compreensão do corpo como território político e discursivo tem se consolidado nas últimas décadas como um dos pilares das abordagens críticas contemporâneas, especialmente no campo dos estudos de gênero e da filosofia política. Longe de ser apenas uma entidade biológica, o corpo é, conforme Foucault (2013) argumenta, o lugar privilegiado da inscrição do poder. Em suas análises sobre as tecnologias disciplinares, Foucault demonstra como o corpo é moldado por instituições,

normas e discursos que o tornam produtivo, obediente e legível. A docilidade corporal, nesse sentido, não é natural, mas historicamente produzida, sendo constantemente reforçada por práticas sociais e dispositivos de controle que agem de maneira difusa, mas eficaz.

A partir dessa perspectiva, a recusa de submeter o corpo às normatividades vigentes pode ser compreendida como forma de resistência. No entanto, não se trata de uma resistência heroica ou espetacularizada, mas de gestos mínimos, silenciosos, por vezes quase imperceptíveis e, por isso mesmo, subversivos. É nesse ponto que a teoria da performatividade de gênero, proposta por Judith Butler (2018), se torna central para o presente estudo. Butler problematiza a ideia de identidade de gênero como algo estável e essencial, afirmando que ela é produzida pela repetição reiterada de normas e expectativas culturais. Quando essa repetição é interrompida, parodiada ou deliberadamente falha, abre-se uma brecha para o questionamento da norma e para a emergência de novas formas de subjetivação.

No caso da personagem Yeonghye, protagonista de *A Vegetariana*, o que se observa é precisamente essa recusa performativa. Ela deixa de cumprir os rituais esperados de feminilidade, recusa-se a manter relações sexuais, abdica da maternidade, silencia-se diante das exigências discursivas que lhe são impostas. Sua recusa é lida como loucura porque rompe com o que é inteligível dentro da lógica da norma. Como sugere Butler (2020), os corpos que não se encaixam nas matrizes de legibilidade de gênero tornam-se abjetos e, portanto, passíveis de exclusão, medicalização e punição.

Além da perspectiva foucaultiana e butleriana, este trabalho também se apoia em Silvia Federici, cujo pensamento é fundamental para a compreensão da recusa enquanto forma de luta contra o produtivismo capitalista que atravessa o corpo feminino. Para Federici (2004), o corpo das mulheres foi historicamente apropriado como força de trabalho reprodutiva e afetiva, sendo central para a acumulação capitalista. Ao recusar-se a ser útil, desejável e funcional, Yeonghye pratica uma greve do corpo — uma forma extrema de insurgência contra a economia moral da feminilidade.

Adriana Cavarero, por sua vez, oferece uma contribuição crucial para pensar a relação entre voz, escuta e subjetividade. Ao propor uma ética da escuta que respeite a singularidade do outro, Cavarero (1997), denuncia a violência do apagamento narrativo que recai sobre as mulheres, especialmente aquelas que se recusam a falar nos moldes da linguagem dominante. Yeonghye, nesse contexto, encarna o silêncio como linguagem política. Sua ausência de fala é, paradoxalmente, o que mais fala, um excesso que desestrutura as tentativas de nomeação e controle.

Por fim, a proposta pós-humanista de Rosi Braidotti é convocada para pensar os deslocamentos mais radicais da subjetividade encenados na obra. O desejo de Yeonghye de tornar-se árvore pode ser

lido como gesto poético, mas também como crítica profunda à centralidade antropocêntrica que organiza o pensamento ocidental. Ao abandonar sua forma humana, a personagem escapa às categorias que a oprimem e imagina um modo de existência que rompe com a ideia de identidade fixa, de individualidade, de utilidade. Em Braidotti (2013), o pós-humano é justamente esse projeto ético e político de descentramento da figura humana e reconexão com formas de vida outras.

Assim, a fundamentação teórica que sustenta esta análise parte da convicção de que o corpo, especialmente o corpo feminino, é campo de batalha simbólica e material. O que está em jogo não é apenas o controle sobre a aparência ou o comportamento, mas o direito de existir fora da norma, de inventar novas formas de presença e de retirar-se do jogo do poder. A recusa, nesse sentido, é tanto interrupção quanto criação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da obra *A Vegetariana* permitiu identificar a recusa como elemento central da trajetória da protagonista, Yeonghye. Sua decisão de parar de comer carne inaugura não apenas uma mudança alimentar, mas um processo contínuo de distanciamento das expectativas normativas que moldam o corpo feminino. Essa recusa ultrapassa os limites do ato individual e assume, ao longo da narrativa, uma dimensão política e existencial profunda. Ao rejeitar a carne, Yeonghye inicia um percurso de retirada progressiva da lógica de utilidade e domesticidade que estrutura a condição da mulher em sociedades patriarcais. Sua decisão, inicialmente tratada como estranheza, logo é medicalizada, patologizada e disciplinada, revelando a intolerância social diante da não conformidade feminina.

A protagonista não apenas se retira das convenções alimentares, mas rompe também com os papéis sociais a ela atribuídos: a esposa dócil, a nora submissa, a mulher reproduutora e sexualmente disponível. Ao fazer isso, ela desestabiliza toda a estrutura simbólica que sustenta o ideal de feminilidade vigente. Sua conduta é lida pela família e pelos profissionais como irracional, perigosa ou doentia, o que evidencia o caráter coercitivo das normas de gênero. Nesse ponto, a obra se aproxima das formulações de Judith Butler, para quem o gênero é uma construção performativa que exige repetição constante de gestos e comportamentos. A recusa de Yeonghye em continuar desempenhando esses papéis revela uma falha deliberada na performance normativa, um “desvio” que, em vez de indicar falência, se torna estratégia de resistência.

Do ponto de vista simbólico, Yeonghye realiza uma desconstrução radical da performatividade de gênero (Colling, 2021; Butler, 2018). Ela não substitui uma identidade por outra; ela simplesmente deixa de jogar o jogo simbólico da identidade. Sua dissidência se dá por subtração, por não aderência.

Sua figura vai se tornando cada vez mais opaca, menos legível, mais incômoda. Essa opacidade, que desafia as tentativas de interpretação e controle, ressoa com o conceito de “corpo indócil” proposto por Michel Foucault (2013), segundo o qual os corpos são historicamente moldados por regimes de saber-poder que buscam torná-los produtivos, submissos e inteligíveis. Yeonghye, ao tornar seu corpo inapreensível, seja pela magreza extrema, pela recusa do sexo ou pelo desejo de tornar-se planta, recusa ser capturada por essa lógica.

A radicalidade da recusa de Yeonghye expressa-se no progressivo desaparecimento de sua presença social. Ela deixa de falar, de responder, de comer, de se mover com intencionalidade. Mas esse esvaziamento não é sinônimo de passividade; ao contrário, trata-se de um gesto ativo de negação da linguagem dominante, da função social imposta e da existência instrumentalizada. Seu corpo recusa-se a ser lido e, nesse gesto, impõe-se como resistência. A recusa, nesse caso, é mais que negação: é invenção de um modo de ser irredutível à norma.

A leitura desse movimento também permite deslocar o olhar para além das interpretações clínicas ou familiares da personagem. O que para os outros parece loucura, para o leitor pode revelar-se como insurgência. A construção da narrativa, que evita dar voz direta a Yeonghye e a apresenta sempre sob a ótica de terceiros, reforça essa incomunicabilidade que é, ao mesmo tempo, resistência. O silêncio da personagem não é vazio, mas saturado de sentido. A ausência de enunciação direta obriga o leitor a escutar por outras vias: o gesto, a recusa, o não-dito (Clemens e Souza, 2020).

Nesse sentido, a literatura de Han Kang opera como espaço simbólico de resistência, em que a linguagem é tensionada e o silêncio emerge como potência crítica. A autora rompe com as convenções do romance psicológico ao deslocar a interioridade da protagonista para o plano do corpo, um corpo que fala pela ausência, pelo colapso, pela vegetalização. A leitura da recusa como gesto estético-político permite compreender o romance não como narrativa de loucura, mas como encenação de uma forma outra de existência. A mulher que não come, não fala e não obedece torna-se, paradoxalmente, o corpo mais eloquente da obra.

Por fim, essa recusa extrema, que culmina no desejo de tornar-se árvore, pode ser lida como abandono não apenas do social, mas também do antropocêntrico. Yeonghye abdica da humanidade como categoria normativa, e se aproxima de uma ontologia vegetal, não domesticada, não legível. Nesse gesto, ressoa uma crítica profunda ao produtivismo, à lógica capitalista de extração do corpo feminino (Lerner, 2020) e à própria ideia de identidade fixa. Trata-se de uma recusa total: não apenas ao gênero, mas à humanidade regulada, marcada por hierarquias, disciplinamentos e expectativas normativas. O corpo da mulher que se recusa a ser funcional não desaparece, ele funda outra forma de estar no mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do romance *A Vegetariana* permitiu compreender a recusa como forma de resistência silenciosa, porém profundamente radical, diante das normas sociais que regulam os corpos e as subjetividades femininas (Cavinatto e Han, 2025). Ao investigar a trajetória da protagonista sob a perspectiva da crítica feminista e da filosofia contemporânea, foi possível demonstrar que a literatura pode operar como campo de tensionamento político, capaz de desestabilizar os discursos hegemônicos que naturalizam a subordinação das mulheres.

O estudo alcançou seus objetivos ao interpretar o gesto de Yeonghye não como expressão de desordem psíquica ou ruptura moral, mas como encenação de uma insurgência contra os dispositivos de controle que demandam docilidade, utilidade e legibilidade dos corpos femininos. O corpo da protagonista, ao se tornar opaco, inapreensível e vegetal, torna-se também território de uma outra ética — aquela que recusa os imperativos da performatividade, da produtividade e da sexualidade compulsória.

Entre os aprendizados proporcionados pela pesquisa, destaca-se a importância de se compreender a recusa não como falência, mas como reinvenção: um modo de existência que, ao abdicar da linguagem e da funcionalidade esperada, desafia os limites do humano normativo. A obra de Han Kang se revelou, nesse sentido, uma poderosa ferramenta de reflexão sobre os modos como o corpo e o silêncio podem ser mobilizados como resistência.

Como contribuição à área de estudos feministas e da literatura, o artigo oferece uma chave interpretativa para narrativas que não seguem o modelo clássico de empoderamento ou agência afirmativa. Ao valorizar a dissidência, a subtração e o esvaziamento como recursos estéticos e políticos, amplia-se o escopo das formas de resistência possíveis dentro da crítica cultural contemporânea.

Entre as limitações deste trabalho, destaca-se o foco exclusivo na análise textual, sem a realização de estudos empíricos com leitores ou em contextos sociais específicos. Sugere-se, para estudos futuros, o aprofundamento da relação entre estética e ética na literatura feminista, bem como investigações comparadas com outras obras asiáticas contemporâneas que problematizam o corpo, a dor e a linguagem.

Assim, reafirma-se que o gesto de Yeonghye, silencioso, fragmentário, mas incontornável, não aponta para a dissolução da subjetividade, mas para a invenção de uma outra forma de presença. Uma presença que, ao recusar obedecer, passa a existir de modo irredutível, radical e inquietante.

REFERÊNCIAS

- AFP. (2024). Escritora sul-coreana Han Kang leva o Prêmio Nobel de Literatura. *Carta Capital*. Disponível em : <https://www.cartacapital.com.br/mundo/escritora-sul-coreana-han-kang-leva-o-premio-nobel-de-literatura/>
- Braidotti R. (2013). *The Posthuman*. Cambridge: Polity Press
- Butler, J. (2020). *Corpos que importam: os limites discursivos do " sexo"*. n-1 edições.
- Butler, J. (2018a). Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Disponível em:http://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf.
- Butler, J. (2018b). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Editora José Olympio.
- Cavarero, A. (1997). *Tu che mi guardi, tu che mi racconti* (pp. 1-190). Feltrinelli.
- Cavinatto, D. D., & Hahn, N. B. (2025). *Corpos em Cativeiro: Explorando a Interseção entre a Cultura Patriarcal e o Controle Social do Feminino nos Direitos Humanos*. *Derecho y Cambio Social*, 22(79).
- Clemens, J., & de Souza, M. (2020). Sobre o não dito do feminino e da maternidade. *Psicologia em Revista*, 26(2), 641-659.
- Colling, L. (2021). O que performances e seus estudos têm a ensinar para a teoria da performatividade de gênero?. *Urdimento-Revista de Estudos em Artes Cênicas*, 1(40).
- Foucault, M. (2013). *Vigiar e punir*. Leya.
- Kang, H. (2013). *A Vegetariana*. Trad. de Yun Jung Im. São Paulo: Devir.
- Kang, H. (2021). *Atos Humanos*. Todavia
- Lerner, G. (2020). *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Editora Cultrix.
- Maia, S. V. (2019). De Foucault a Butler: identidade (s), performatividade e normatividade de gênero.
- Medeiros, M. (2012). Pesquisas de abordagem qualitativa. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 14(2), 224-9.